



Clarice e Danuza: duas mulheres, duas épocas, um discurso¹

Carolina Cerqueira Lôbo²

Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana – BA (UNEF)

Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (UEFS)

Resumo

O presente trabalho faz uma comparação do discurso dirigido à mulher na década de 60 e o discurso da atualidade. O *corpus* de análise será crônicas de Clarice Lispector, publicadas no jornal Correio da Manhã, sob o pseudônimo de Helen Palmer, no período de agosto de 1959 a fevereiro de 1961, comparadas às crônicas da escritora Danuza Leão, publicadas na revista Cláudia, no período de agosto de 2005 a fevereiro de 2007. Podemos observar que, apesar de épocas distintas, os discursos são muito próximos, em forma e temática.

Palavras-chave: análise do discurso; crônica; jornalismo opinativo; mulher.

Metodologia

O presente artigo tem suas bases fundadas na Literatura Comparada e configura-se como uma pesquisa qualitativa, ou seja, que não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão a respeito de um grupo social (Goldenberg, 1999). O método norteador será o comparativo, não anulando assim a utilização de outros (como histórico, por exemplo), quando necessário. A leitura aqui proposta será desenvolvida a partir de um estudo bibliográfico que consiste em um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (Ander-Egg *apud* Santos, 2001, p. 173).

Já a análise de dados será feita a partir do método de análise do discurso, proposto por Orlandi (2003), que procura compreender a língua fazendo sentindo, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do IX Congresso Regional de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Jornalismo (Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana) e Letras Vernáculas (Universidade Estadual de Feira de Santana).



Duas mulheres

Clarice Lispector, escritora consagrada na literatura brasileira, nascida na Ucrânia em 1920, veio para o Brasil com meses de vida e, posteriormente, foi naturalizada brasileira. Formou-se em Direito e foi trabalhar como redatora na Agência Nacional, atuando também como jornalista no jornal A Noite. Ela levou uma vida afastada de reuniões e detestava ter sua privacidade invadida – daí ser considerada uma excêntrica. Viveu de direitos autorais, toda sua existência foi dedicada à criação literária: a grande tarefa que exerceu com paixão até o dia 09 de dezembro de 1977, quando faleceu.

Durante sua vida profissional, recebeu vários prêmios por conta dos livros e contos publicados. Porém, o que analisaremos neste trabalho são textos pouco divulgados que Clarice Lispector produziu: crônicas para jornais diários. As crônicas que aqui serão analisadas foram publicadas no jornal *Correio da Manhã*, diário carioca, no período de agosto de 1959 a fevereiro de 1961.

Segundo Jorge de Sá (1997: 10) o jornal “nasce, envelhece e morre a cada 24h. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados”. Contudo, as crônicas que analisaremos neste trabalho foram selecionadas e publicadas no livro *Correio feminino*. Assim, temas que são aparentemente banais, transitórios, escritos para serem consumidos e esquecidos no mesmo dia, ao ter o livro como suporte, entram para outro circuito de significação, adquirindo uma outra dimensão literária. Como lembra Sá, “no momento em que a crônica passa do jornal para o livro, temos a sensação de que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna” (Idem, p. 85).

A outra escritora de que trataremos é **Danuza Leão**. Nascida em Itaguaçu, Espírito Santo, em 1933, é jornalista e escritora brasileira, irmã da cantora Nara Leão e foi amiga de nomes como Fernando Sabino, Di Cavalcante, Rubem Braga e Vinícius de Moraes. Danuza passou a adolescência em contato com os principais nomes da cultura, da música e da literatura brasileiras. Como ela mesma lembra, “se não tive infância, tampouco tive adolescência. Nunca tive amigas da minha idade nem namorinhos juvenis (...)”. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quase_Tudo>)

É autora de livros como *Na sala com Danuza*, *As aparências enganam* e *Quase Tudo* que conta as memórias de sua vida de maneira leve e detalhada. Danuza fala com naturalidade dos lugares que conheceu, das pessoas com quem conviveu, dos amores e tristezas que teve e dos diversos lugares em que trabalhou, desde boates a redações de jornal.



Atualmente, ela é colunista do jornal Folha de São Paulo e da revista Cláudia, da qual tiramos os textos para análise. Uma das diferenças básicas entre os textos de Clarice Lispector e Danuza Leão é o suporte. Afinal, “revista e jornal são, além de tudo, circunstancialmente diferentes. A periodicidade é fator determinante do estilo de uma revista” (Vilas Boas, 1996: 101). A revista feminina Cláudia é publicada mensalmente pela Editora Abril.

Por ter um público tão específico e delimitado, a revista, segundo Scalzo (2003), tem endereço certo. A Cláudia foi fundada em 1961, “no início, a revista não descola do modelo tradicional: novela, artigos sobre moda, receitas, idéias para decoração e conselhos de beleza” (Scalzo, 2003: 34). Temas e seções que podemos encontrar ainda hoje. “Aos poucos, porém, começa a publicar seções que vão dando conta das mudanças na vida da mulher, como consultas jurídicas, saúde, orçamento doméstico e sexo” (Idem: 34). É nessa linha editorial de conversa com a leitora, como se fosse uma amiga e falando sobre temas cotidianos da vida da mulher, que Danuza Leão escreve os seus textos.

Duas épocas

Nas décadas de 50 e 60, período em que Clarice Lispector publicava suas crônicas, paralelamente à gestação e ao nascimento da revista Cláudia, o modelo de mulher era bem definido: “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina” (Del Piori, 2006: 609).

Nesse período, os papéis femininos e masculinos eram bem distintos e nítidos.

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. (Idem, p. 609).

A mesma perspectiva, veremos, revela-se claramente nas crônicas de Clarice Lispector, as quais trazem conselhos de como seguir esse modelo.

Sabe-se que os tempos modernos são marcados pela quebra de modelos e paradigmas e que, na atualidade, as relações e os parâmetros sócio-culturais se tornam cada vez mais flexíveis. A família-modelo não tem mais a força de antes. Hoje, casais de gays conseguem na justiça o direito de adotar uma criança. E, especificamente em



relação às mulheres, muitas mudanças também ocorreram. A definição de homem como “chefe de família” e único responsável pelo sustento da esposa e filhos, por exemplo, não faz mais sentido na sociedade atual. As mulheres têm conquistado cada vez mais espaço no mercado e trabalho e, muitas vezes, sustentam a família sozinhas. E é cada vez mais comum a opção de ser mãe solteira. Tais situações eram socialmente inaceitáveis para os padrões da década de 50 e início dos anos 60, já que o alvo principal das mocinhas da época era um marido.

A partir de uma perspectiva comparatista, pudemos notar que nos anos de 2005 a 2007 (período que foram analisados os textos de Danuza Leão) o cenário mudou, mas os textos continuam colocando em pauta as mesmas temáticas “femininas”, e apontando na mesma perspectiva ideológica/comportamental da década de 60, conforme veremos a seguir.

Um discurso

Segundo Carvalhal (1992: 39), a Literatura Comparada é uma atividade crítica que, ao lidar amplamente com dados literários e extra-literários, fornece à crítica, à historiografia e à teoria literária uma base fundamental. Assim, apoiando-nos na Literatura Comparada e na Análise do Discurso, partiremos para uma análise comparativa dos temas, representados pelos títulos, e dos textos cronísticos Lispector e Leão, de em suas representações históricas e simbólicas.

Em 10 de junho de 1960, Clarice Lispector escreve a crônica com o título: “A beleza precisa ser cultivada” (Correio feminino, p. 24). Na crônica citada, a autora aconselha: “Se tivéssemos bastante cuidado com nossa aparência, acharíamos minutos dentro das horas do dia para aprimorar nossa figura”. 46 anos depois, em setembro de 2006, Danuza Leão publica “Tudo a seu alcance” (Revista Cláudia, ano 44, nº 9). Ela afirma: “A vida hoje é prática: cada mulher escolhe como quer ser e, com um pouquinho de força de vontade, tempo e dinheiro pode se transformar fisicamente”. No mesmo texto, assegura: “Para quem não teve a sorte de nascer com um corpo de deusa, nenhum problema: uma dieta e três horas por dia de musculação transformam qualquer ruína ambulante na maior das gatas”. E Lispector, por sua vez, havia observado que “a mulher pode perfeitamente modelar sua beleza, mesmo que seu tempo seja muito pouco e seus recursos não sejam grandes”.

Jorge de Sá lembra que na linguagem da crônica “há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade”. Isso nós observamos nos textos das



autoras, pois ambas usam uma linguagem coloquial, muito próxima da fala, inclusive gírias, como no caso de Danuza (gatas), o que possibilita uma intimidade maior com a leitora, gerando assim uma identificação. Já no que se refere ao tema, a beleza é encarada da mesma forma pelas duas autoras, já que ambas partem do princípio de que esta pode, e deve, ser construída.

Outro tema recorrente das autoras é o do lar: a mulher no papel de cuidadora do lar. Em fevereiro de 1960, Clarice Lispector escreve a crônica “Dirigir um lar” (Idem, p. 45). No texto, ela afirma que “o lar é o lugar onde devemos encontrar a nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso”. Em fevereiro de 2007 (Revista Cláudia, ano 46, nº 2), Danuza Leão escreve “O valor da governanta” e dirá o mesmo de outra forma, conferindo esse papel à governanta e não à dona da casa: “Quando a patroa se levanta, o aquecedor já está ligado e é só abrir a torneira e tomar seu banho. Quando chega à sala, as almofadas do sofá já foram refrescadas, os botões de rosa já estão na jarra e não há um só grão de poeira na estante”.

Poderíamos destacar aí uma diferença se Danuza Leão não estivesse usando ironia como base retórica no seu texto, pois, no último parágrafo, todas as funções da direção de um lar que ela diz serem da governanta, são, na verdade, da esposa: “Ah, os homens têm muita sorte. Porque, quando se casam, está implícito que, junto com a mulher linda e adorável por quem estão apaixonados, vem uma excelente governanta. Como eles devem ser felizes. E como deve ser bom ser homem. Bom, não: deve ser ótimo.”.

Como vimos, as autoras apresentam pontos comuns, que dialogam entre si. Ingenuamente, poderíamos supor essas crônicas como superficiais, banais, mas, se tomarmos essas informações como cenário de um tempo, podemos apreender características de uma época. Podemos notar que, mesmo com a diferença das épocas em que as duas escritoras estavam produzindo tais crônicas, a mulher ainda se encontra no papel de cuidadora do lar. No caso de Danuza, contudo, podemos perceber uma nota dissonante, quando ela ironiza esse lugar ocupado pela mulher ainda hoje. Assim, a ironia, ao mesmo tempo em que constata essa ditadura dos padrões de comportamento feminino, ironiza esse lugar da mulher na sociedade.

Outro tema feminino que Lispector e Leão tratam com frequência nos seus textos é a maternidade. “Orientação aos filhos” (Idem, p. 47) é o título da crônica publicada por Clarice Lispector em agosto de 1960. Ela aconselha: “Será de grande



vantagem para a criança que os pais lhe dêem atenção”. Se a perspectiva de Clarice pressupõe uma época em que a mulher dispunha de um pouco mais de tempo para o cuidado da casa e dos filhos, no caso de Danuza, esse tempo parece volatilizado, estando a mulher predominantemente fora do espaço doméstico. Na sua crônica “A mãe ideal” (ano 45, nº 9), aconselha Danuza: “Toda mãe tem vontade de telefonar para o filho pelo menos duas vezes por dia. Meu conselho: não telefone”. No que pese uma diferença de perspectivas, as duas escritoras, contudo, ainda batem na mesma tecla, ainda tomam como assunto de interesse do público feminino as mesmas questões, as mesmas preocupações. E os discursos assumem também as mesmas funções: o aconselhamento.

Uma faceta que não pode ser esquecida quando se fala de papel feminino é a matrimonial. Marido é um dos temas preferidos das autoras. “Qual o marido ideal?” é a pergunta-título de uma crônica de Clarice publicada em setembro de 1960. Atestando a persistência do tema, Danuza, em abril de 2006 (Revista Cláudia, ano 45, nº 4) pergunta no título da sua crônica: “O que nós queremos deles?”. Clarice diz que “o que importa saber é que tipo de homem uma mulher elegeria como o marido ideal” e desfia uma série de possibilidades. Danuza, sintonizada com as proposições de Clarice, pergunta: “Mas, afinal, o que querem as mulheres de um homem? O que nós queremos deles?”. E, como Clarice, providencia uma série de predicados. Ambas escolhem maridos “parecidos”.

É, parece que o imaginário coletivo feminino não mudou muito, no que se refere a príncipe encantado, ou seja, a marido ideal. No que tange à forma, ambas falam na primeira pessoa, característica predominante na crônica. Como diz Sá, “quem narra a crônica é o seu autor mesmo, e tudo que ele diz parece ter acontecido de fato” (op. cit., p. 9).

Para Orlandi, “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos” (2003, p. 17). Sendo assim, nas crônicas em questão, podemos depreender que a ideologia que permeia o perfil da mulher nas décadas de 50/60 e que persiste na atualidade. Na crônica “Compreenda seu marido” (p. 79), datada de setembro de 1959, Clarice produz um discurso com sabor determinista: “A mulher, pelo seu temperamento mais afetivo e predisposto ao perdão, esquece com facilidade as más palavras surgidas numa discussão”. Usando do mesmo apelo de propensão a um determinismo sócio-biológico, Danuza escreve na crônica “A doce sina da espera”, em agosto de 2005



(Revista Cláudia, ano 44, nº 8): “faz parte da natureza feminina ter paciência, dar colo, compreensão, e esperar – quem não sabe disso?”. Ainda segundo Orlandi, “na análise do discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Idem, p. 15). Assim, podemos tomar os exemplos acima como um discurso que é produto e produtor de uma ideologia que conforma papéis sócio-culturais a influxos naturais (biológicos ou metafísicos).

Considerações finais

Partindo do pressuposto de que com o estudo do discurso se observa o indivíduo falando (Orlandi, idem, p.15), a mulher falando, através dos textos analisados, na década de 60 fala-se de maneira muito próxima à da mulher na atualidade. Clarice Lispector e Danuza Leão, muitas vezes, tratam dos mesmos temas, apresentam preocupações semelhantes, e utilizando estratégias discursivas o mesmo que se aproximam em muitos momentos.

Observa-se, contudo, que Clarice é mais direta e afirmativa no tratamento das questões femininas, num tom mais estável de aconselhamento ao público feminino. Danuza, por sua vez, muda a roupagem do discurso, muitas vezes ironizando os papéis considerados femininos, criando alterações de perspectivas e provocando instabilidades em relação a um padrão comportamental da mulher na realidade de hoje.

Referências Bibliográficas

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1992.

DEL PRIORI, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

GOLDENBERG, M.. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LISPECTOR, Clarice; organização de Aparecida Maria Nunes. *Correio feminino*, Rio de Janeiro: Rocco, 2006.



ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. São Paulo: Pontes, 2003.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. Hacker Editores, São Paulo-SP, 2002.

SÁ, de Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Métodos e técnicas de pesquisa científica*. 3.ed. Rio de Janeiro.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996. Janeiro: Impetus, 2001.

Revista Cláudia. Editora Abril. Ano 44. nº 8 – A doce sina da espera.

Revista Cláudia. Editora Abril. Ano 44. nº 9 – Tudo ao seu alcance.

Revista Cláudia. Editora Abril. Ano 45. nº 4 – O que nós queremos deles

Revista Cláudia. Editora Abril. Ano 45. nº 9 – A mãe ideal

Revista Cláudia. Editora Abril. Ano 46. nº 2 – O valor da governanta.

Disponível na Internet via: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quase_Tudo>. Acessado em 20 de março de 2007.